

POESIAS

...quelle singulière et triste impression
Produit un manuscrit! Tout á l'heure, á ma table
Tout ce que j'écrivais me semblait admirable.
Maintenant, je ne sais — je n'ose y regarder.
Au moment du travail chaque nerf, chaque fibre
Tressaille comme un luth que Ton vient d'accorder
On n'écrit pas un mot que tout T'être ne vibre.
(Soit dit sans vanité, c'est ce que Ton ressent)
On ne travaille pas — on ecoute — on attend.
C'est comme un inconnu qui vous parle á voix basse.
On rest quelque fois une nuit sur la place.
Sans faire un mouvement et sans se retourner.
On est comme un enfant dans sea habits de fête,
Qui criant de se salir et de se profanar.
Et puis et puis — enfin! — On a mal á la tete,
Quel étrange réveil! Comme on se sent boiteux!
Comme on voit que Vulcain vient de tomber des éteux.

(Alfred de Musset — *Premieres poésies*)

Rien, à mon avis, de si insupportable que la lecture suivie d'un recueil de vers; ils ne peuvent se lire que fort à *batons rompus*; cependant en les reprenant et les quittant souvent, on les lit tout entiers et quelque foi on y trouve de très jolies choses.

Essais dans le goût de ceux de Montagne, on les loisirs
d'un ministre d'État (pág. 388).

Nota do Autor. — Havia muito tempo que eu pensava isto mesmo em relação aos volumes de poesias.

PRIMEIRA PARTE

A MEU IRMÃO
(JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Também tu, meu irmão, inda aos vinte anos,
Dizes ao mundo teu extremo adeus!
Deixas-me só e partes! os arcanos
Vais da vida sondar aos pés de Deus?

Inda há bem pouco aspirações ridentes,
Despertadas ao sol da juventude,
Te apontavam futuros resplendentes
De mil glórias, de amor e de virtude.

Há pouco em devaneios tão risonhos,
Cantavas em sentida poesia
As meigas ilusões, dourados sonhos
Que te adejavam sempre à fantasia.

Há pouco tu julgavas do horizonte
Ver dum belo porvir sorrir-te a aurora,
Bem como a áurea luz c'roando o monte,
Do Sol precede a chama animadora.

Tudo isso era ilusão, simples quimera,
Que aos vinte anos sonhamos acordados;
Curta página a sorte te escrevera
No grande livro incógnito dos fados I

E enquanto descuidado te entregavas
Aos sonhos da exaltada fantasia,
Sob a florea vereda que trilhavas
A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emurhecerem
As mais viçosas flores da tua vida;
E as esperanças seu verdor perderem
Com a aridez da existência desflorida.

E a vida te pareceu áspero deserto,
Assim desguarnecida de ilusões,
De laços materiais cedo liberto
Remontaste às celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte,
Ao que padece, inveja só produz;
Porque às trevas finais da hora da morte
Seguem-se anos sem fim de imensa luz.

Eras justo, no Céu gozas a palma,
Que ao mundo, aqui de balde pedirias,
E os anjos acolheram a tua alma
Num coro de suaves harmonias.

Mas eu, que te amei, pra quem tu eras
Mais que irmão, mais que pai, mais que amigo,
Eu, a quem desde infante ofereceras,
Pra suprir o de mãe fraterno abrigo.

Mais infeliz fui eu; junto a meu lado
Vago está o lugar que abandonaste.
Vivo só, com as saudades do passado,
Do tempo que de encantos povoaste.

Nesta acerba aridez do meu presente
Recordo-me da vida que passou,
E bem vejo que a sorte fatalmente
Na vida do infortúnio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,
Que o mar arrosta em tormentosa viagem,
E viu nas ondas que enfurece a morte
Sucumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo
E saudei-o com hinos de alegria;
Nos êxtases dum júbilo profundo,
O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam
Na infância as flores da existência minha.
Amor de pai, de mãe, de irmãos, douraram
A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbas dores
Juntos sofremos! Murchas, ressequidas,
Desfolharam-se as mais viçosas flores,
Ceifou a dura morte aquelas vidas.

O belo céu, que nos sorriu na infância,
Em breve se mostrou turbado e triste;
A terna mãe pedira a outra estância
A paz, que neste mundo não existe.

E ai daquele, que no alvor da vida
Perdeu pra sempre maternais afagos,
Ai, que bem cedo a vê ser consumida
Por mil anelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cedo o sentimos! Separados
Do sol que a infância em luz nos envolvia,
Quais estioladas plantas, assombrados,
A fronte inda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente
De mil aspirações te enchia o peito,
Olhaste, e vendo a isolação somente,
Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,
Em vão hei procurado a tua campa;
A morte de mistérios te falava,
Mas nos lábios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: Nessa morada
Outros fúlgidos sonhos imaginas?
Ao sair da vida deparaste o nada?
Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,
Soltando queixas no volver das folhas,
E teus lábios imóveis não falaram,
Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permite que através da lousa
Possa ele ouvir a minha voz ainda,
E desse leito, onde afinal repousa,
Me diga: A vida neste pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infância
Aprendemos da mãe é verdadeira;
Há outra vida, há uma outra estância,
Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,
E em eterno amplexo a Deus se humilham;
Que os prazeres em sonhos concebidos
Só há no espaço onde as estrelas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura
Eu ansiarei pelo supremo instante
Em que, livre da humana desventura,
Demandar tua estância radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele
Os segredos que a morte lhe confia,
Esta incerteza... em vão a fé repele,
A dúvida cruel continuo a cria.

Porque negas, Senhor, ao peregrino
 Que vai cumprindo só esta romagem ,
 Um raio ao menos do saber divino,
 Que lhe brade na dúvida: Coragem !?

Porque não ha-de a lousa funerária
 Erguer-se à voz saudosa da amizade,
 Para falar à alma solitária
 Que anela por saber toda a verdade?

Porquê?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio!
 No seu leito de morte o conheci:
 Sim, nesse instante de tormentos cheio,
 No peito a voz da crença bem ouvi!

E por isso prostrei-me de joelhos,
 E os lábios murmuravam a oração,
 E cri então no Deus dos Evangelhos,
 E a dúvida deixou-me o coração.

Repousa, irmão, à sombra do cipreste;
 Não repousar na terra é desventura.
 Dorme no mundo e acorda à luz celeste,
 Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

Nota do Autor. — Duvidar da verdade desta poesia, era duvidar dos meus sentimentos mais puros, dos meus mais queridos affectos e nesse caso, não sei de palavras que me pudessem justificar.

A MORTE DO POETA

(A memória de A. A. Soares de Passos)

Calou-se a lira! E a criação nos coros
De menos uma voz aos céus revoa!
Na imensa harpa, em que o universo entoa
Seus cânticos, de menos uma corda!
Que foi? que nota falta às harmonias?
Que foi? que mão deixou quebrar a lira?
O poeta morreu, o canto expira,
Cessam seus hinos do sepulcro à borda!

Morreu o teu cantor, ó Armamento!
Teu sacerdote ardente, ó poesia!
Ó Deus, ó Pátria, a última agonia
Gelou a voz que hosanas vos sagrara!
Crente inspirado, os brados do entusiasmo
Não lhe esfriou dos homens a indiferença,
E a venenosa taça da descrença
Dos generosos lábios arrojara!

O poeta morreu! E o Sol e os astros
Que ele cantou, e a abóbada celeste
De ltuosas trevas se não veste;
E tu, ó Pátria, que ele amava tanto,
Tu dormes inda esse gelado sono?!
Não te acorda o seu último gemido?
Sente-lhe a morte, se não hás sentido
De animação e glória o eterno canto.

Mas não; os homens vêem pasmar o féretro,
 Vêem do sepulcro alevantar-se a lousa,
 E, olhando a nobre frente que repousa,
 — Quem é? perguntam com cruel frieza.
 — É um poeta, lhes respondem poucos.
 Um poeta! palavra incompreensível!
 Por ele a multidão passa insensível,
 E a campa desampara com presteza.

E um poeta morreu! listas palavras
 Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
 Não as há mais solenes nem mais tristes.
 Oh! nelas reflecti um só momento!
 Não sabeis o que diz a morte do homem
 Que se encaminha à campa que lhe ergueram
 Seguido apenas dos que ainda veneram
 O culto da poesia e pensamento?

Não ouvís esse dobre, que o lamenta?
 É como a voz do século, que brada:
 — «Chorai, ó multidões, que na cruzada
 Da civilização vos alistastes,
 Chorai, um dos soldados que hã caído,
 Deus lhe dera a bandeira que vos guia,
 O estandarte da idéia, a poesia;
 Mas vós na heróica empresa o abandonastes !

«Lamenta, ó liberdade, o teu apóstolo!
 Amor, o coração que te entendia!
 Tu, Pátria, o filho que melhor podia
 Entre as nações da terra engrandecer-te!
 Religião, ai! chora o sacerdote,
 Que, entoando no templo os sacros hinos,
 Chamara os povos aos altares divinos
 E cultos sem iguais pudera erguer-te!»

E tu, O mundo, o vês quase indiferente!
 Curva a cabeça ante essa campa aberta,
 Ajoelha-te, e a frente descoberta,
 Venera as cinzas que deixou na Terra;
 Os restos são da mais violenta chama,
 Que o fogo do Céu no mundo ateia;
 A chama ardente de inspirada idéia,
 Fogo que a mente do poeta encerra I

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

